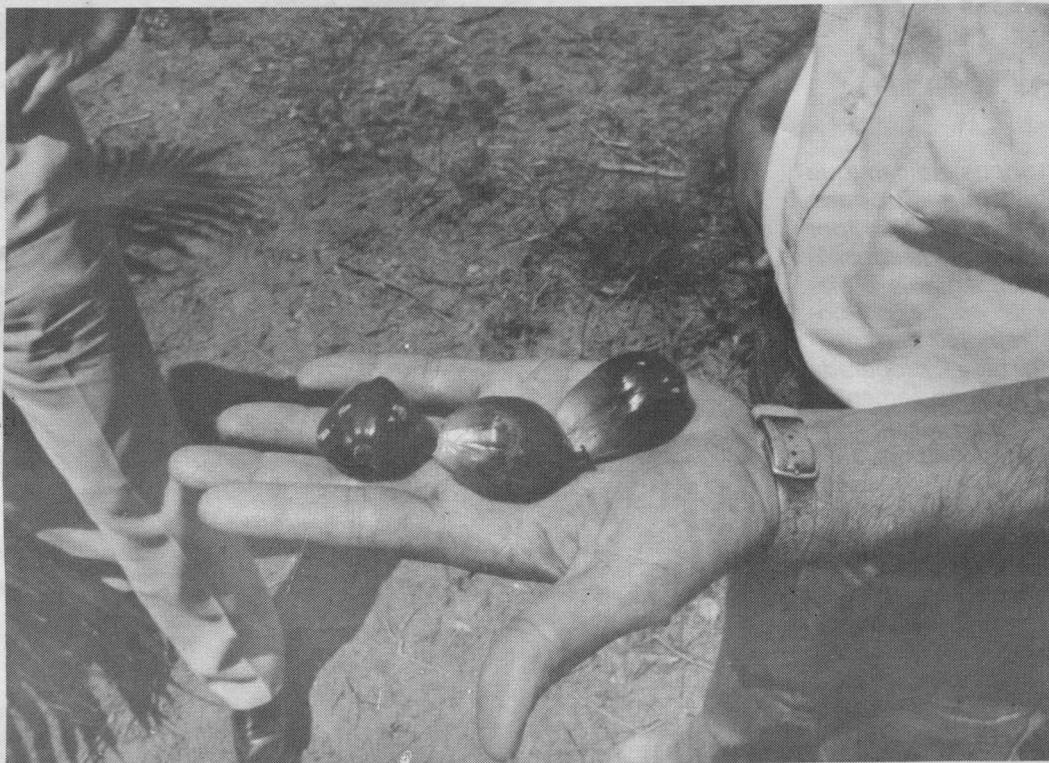


Dendê: futuro da Amazônia?



Edson Barcelos(*)

O dendê é uma palmeira de origem africana, trazida para o Brasil no século XVII, pelos escravos. Na Bahia, encontrou condições ecológicas favoráveis, formando uma densa faixa com até 10 Km de largura, que vai da Ilha de Taparica na Bahia de Salvador até o Sul de Marau; porém, pode ser encontrado em esparsos grupos, ocorrendo desde o Rio de Janeiro ao Estado do Pará.

É uma planta de clima equatorial, quente e úmido, mas pode vegetar em condições adversas, com redução drástica da produção. A planta vive mais de 100 anos, sendo economicamente explorável por cerca de 25 anos.

É a oleaginosa de maior produtividade, hoje cultivada, chegando em condições ótimas, a mais de 8 ton. de óleo/ha/ano (Indonésia). Apresenta como exigências básicas, chuvas bem distribuídas por todo o ano, com total superior a 100mm/mês e 2000mm/ano. Locais apresentando 2 meses consecutivos com precipitação inferior a 100mm, resulta em significativa queda na produção. A temperatura ideal é de 28°C a 30°C em média, não tolerando mínimas inferiores a 18°C. Se comporta melhor em solos profundos, bem drenados e estruturados, sendo que a fertilidade pode ser corrigida com a adubação.

Das 65 milhões de toneladas de óleos e gorduras consumidas no mundo este ano, o dendê participa com 8%, enquanto a soja atende 22% deste consumo. Estimativas da FAO, indicam que no início do próximo século (2.005), o consumo do óleo de dendê se igualará ao da soja, atendendo 22% das 104 milhões de toneladas de óleo a serem consumidas naquele ano.

A Malásia é o maior produtor mundial de óleo de dendê, com 70% do total produzido: 1.700.000 ha plantados. Em 2º lugar vem a Indonésia, que atualmente possui um programa de plantio anual de 200 mil ha para os próximos 5 anos. Os países africanos, tradicionais produtores e exportadores

na década passada, hoje são importadores de óleo de dendê.

No Brasil, a dendecultura atravessa sua primeira infância, com cerca de 50.000 ha de dendezais, dos quais, 60% ainda em fase jovem. O dendezairo inicia sua produção após o 3º ano de plantio no local definitivo e leva 2 anos para produção de mudas. Para uma demanda estimada em 102.000 toneladas de óleo em 86, tivemos uma produção de cerca de 50.000 toneladas.

A utilização do óleo de dendê é ampla, principalmente no setor alimentício e no das indústrias químicas. No Brasil, seu principal uso é para o fábrica de margarina, sabões, velas, maionese, óleo salada e siderurgia, não podendo esquecer seu potencial como substituto do óleo diesel no modelo energético nacional, por ser física e quimicamente o óleo vegetal mais semelhante ao diesel, por apresentar os menores custos de produção, maior produtividade e, principalmente, por se destinar à maior fronteira agrícola ainda não ocupada – a Amazônia.

O aumento da oferta de óleo de dendê nos próximos 20 anos não acompanhará o aumento da procura advinda do crescimento populacional, isto porque os grandes produtores (Malásia e Indonésia) não poderão continuar com o atual ritmo de expansão de seus plantios de dendê, limitados por falta de áreas. Isto representa uma perspectiva de mercado fabulosa para os países tropicais, com superfícies disponíveis e tecnologia para grandes plantios de dendê, visando a atender esta demanda insatisfeita. O Brasil dispõe, só no Estado do Amazonas, de cerca de 50 milhões de hectares de terras de alta aptidão para a dendecultura. Terras estas, sem outra opção de ocupação, que seja técnica, ecológica e economicamente viável, à excessão da bovinocultura, ecologicamente questionável.

Quando se fala em ocupação da Amazônia, o ecológico e o social são dois critérios de extrema relevância, que de modo algum devem ser ignora-

dos. As práticas culturais adotadas na dendecultura, com utilização de leguminosas para a cobertura do solo e o aspecto de cultura perene, permitindo uma perfeita cobertura do solo, propiciam uma reconstituição do ambiente florestal, com as vantagens de se ter um sistema altamente produtivo, intensivo e permanentemente valorizado, em substituição à uma floresta primária heterogênea e de baixa produtividade, ameaçada de extinção por um extrativismo predador. Socialmente, por ser uma cultura perene, com utilização intensiva de mão-de-obra, sem piques de produção ou entressafras, permite a fixação do homem do campo, e viabiliza a sua integração a um sistema econômico de alta rentabilidade. Em média, cada 7 ha de dendezais, representa trabalho digno para uma família, por 25 anos consecutivos. É uma cultura que se ajusta muito bem aos programas de colonização, assentamentos dirigidos e formas de associativismo.

Apesar do enorme potencial da cultura no país, dos bem sucedidos projetos já em franca produção e das atraentes perspectivas de mercado, a expansão da dendecultura nacional esbarra em algumas limitações, para a solução das quais, a atenção dos governantes é decisiva:

- Elevados custos para a implantação de projetos, requerendo investimentos da ordem de US\$ 5.000 a 7.000/ha, incluindo a parte agrícola, industrial e social.
- Falta de tradição e conhecimento sobre a cultura, do empresário brasileiro.
- Inexistência de um programa de governo, com crédito suficiente e adequado à atividade.
- Dependência de importação de sementes, pela inexistência de produção nacional, de sementes de qualidade comprovada e em quantidade suficiente.

Todos os aspectos anteriormente abordados, levaram a EMBRAPA à

criação, em 1980, do Programa Nacional de Pesquisa de Dendê – PNP de Dendê, sob a responsabilidade do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê – localizando em Manaus – hoje CPAA, com área de abrangência sobre os Estados do Amazonas, Pará, Bahia e Amapá. O programa de pesquisa da EMBRAPA visa aos seguintes objetivos: geração e adaptação de tecnologias capazes de garantir o sucesso dos empreendimentos com a cultura, com a consequente capacitação e treinamento de pessoal para a condução de pesquisa de elevado padrão e o estabelecimento de campos de produção de sementes, visando a libertar o país da dependência da importação deste insumo essencial, ao custo de US\$ 0,70 / semente.

Hoje, a EMBRAPA/CPAA, coordena e executa 21 projetos de pesquisa com dendê, no Amazonas (CPAA), Pará (UEPAE-Belém) e Bahia (CEPLAC) e conta com uma estação de pesquisas com dendê, já consolidada em Manaus, com 370 ha de áreas experimentais implantadas e um campo de produção de sementes de padrão internacional, com previsão de produção de 400 mil sementes em 1990, devendo chegar em 1995, com uma produção anual de 6 milhões de sementes de elevada qualidade e devidamente testadas para as condições brasileiras, capaz de atender a um programa de plantio de dendê de até 30.000 ha/ano.

Apesar do grande potencial representado pela possibilidade de expansão da cultura do dendê na Amazônia, e pelo esforço de pesquisas desenvolvidas pela EMBRAPA, o Rio Urubu, considerada uma das mais importantes estações de pesquisa de dendê no continente americano – onde se investiu quase US\$ 4 milhões – acha-se ameaçada por falta de recursos para manutenção (adubação, limpeza etc).

* Engº, Agrº, M.Sc. – Pesquisador do CPAA/EMBRAPA.